

A MÃE E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NAS TEORIAS PSICANALÍTICAS

Fabiana Mara Esteca
Universidade Ibirapuera
Av. Interlagos, 1329 – São Paulo – SP
fabiana.esteca@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo discorrer sobre a compreensão do papel da mãe na formação do indivíduo sob o vértice da psicanálise. Pretendemos apontar para a necessidade de integrar a teoria com o contexto histórico-cultural em que foi constituída, a fim de evitar reduzir a complexidade humana aos moldes de uma teoria localizada em um tempo e um espaço muito distinto do nosso cenário atual. Para tanto, contamos com o substrato teórico de Freud, Winnicott, Melanie Klein e Bion. A teoria psicanalítica requer sempre a reflexão do contexto em que se aplica (como qualquer campo do conhecimento que investigue o humano), pois de outro modo corre-se o risco de recortar o sujeito para que ele caiba na teoria, impondo aspectos normativos, que reduzem a psicanálise de seu potencial transformador. Defendemos a importância de articular outras áreas do conhecimento como a antropologia, a sociologia e a história, em prol da construção de um conhecimento integrado sobre a realidade que nos cerca.

Palavras-chave: função materna, relação mãe-bebê, psicanálise.

Abstract

This article aims to discuss the understanding of the role of the mother in shaping the individual under the apex of psychoanalysis. We intend to point to the need to integrate theory with the historical and cultural context in which it was formed in order to avoid reducing human complexity to mold a theory based in a time and a place very different from our current scenario. For this, we rely on the theoretical background of Freud, Winnicott, Melanie Klein and Bion. Psychoanalytic theory always requires reflection on the context in which it applies (as any field of knowledge that investigate human), because otherwise we run the risk of cutting the subject to fit the theory, imposing regulatory aspects, which reduce the psychoanalysis of its transformative potential. We advocate the importance of linking other areas of knowledge such as anthropology, sociology and history, in favor of building an integrated knowledge about the reality around us.

Keywords: maternal function, mother-infant relationship, psychoanalysis.

1. Introdução

Este artigo foi elaborado a partir dos constructos teóricos realizados na dissertação “A mãe que trabalha fora: a criança e a família em relação ao trabalho materno”. O referido estudo pretendeu investigar como a variável trabalhar fora interfere (ou não) na percepção da criança sobre sua constelação familiar e também sobre a relação com a mãe. O percurso teórico buscou articular o conhecimento advindo da história da família burguesa, com o auxílio do substrato teórico da psicanálise.

A partir da contextualização histórica realizada em trabalho anterior (Esteca, 2012) percebemos o quanto assuntos relacionados à família vêm sendo explorados desde o início do século XX em vários campos do saber. A sociedade ocidental passou por intensas transformações, na esfera pública e privada. Os modelos de família “do passado” já não comportam os efeitos da modernidade e ainda funcionam como lugar idealizado para se criar filhos saudáveis.

O advento da psicanálise colaborou também com essa idealização da família nuclear tradicional, e, sobretudo, à sobrecarga feminina atual, diante do imperativo de ser boa mãe, boa esposa e boa profissional. Ou seja, uma grande mudança estrutural ocorreu, gerando relativa perda de referencial acerca dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres. Estas questões merecem atenção por parte dos profissionais do campo da saúde mental, pois acreditamos que a relação dos pais entre si e o sentimento destes frente à dupla tarefa de ser pai e mãe, e ainda exercer uma profissão, irá refletir diretamente no modo de educar e criar seus filhos.

Buscamos, com este artigo, contextualizar alguns pontos propostos pela psicanálise a fim de contribuir para a construção de um conhecimento afinado com o momento histórico, social e cultural em que vivemos.

2. Discussão

No início da elaboração de sua teoria psicanalítica, como lembra Mandelbaum (2008), Freud já se debruçava sobre as intrincadas relações familiares na análise do caso do menino Hans (Análise de uma fobia em um menino de cinco anos: o pequeno Hans – Freud, 1909), tendo como eixo principal de compreensão o Complexo de Édipo.

Mandelbaum (2008), a partir das formulações de Adorno & Horkheimer (1973), compreende que, embora o conceito teórico proposto por Freud tivesse um caráter universal (e daí, provavelmente a escolha feita por temas da mitologia grega para ilustrar sua teoria), a família enquanto instituição reflete suas circunstâncias externas.

Como lembra a autora, o Complexo de Édipo, por exemplo, ilustra a típica família burguesa do início do século XX, detentora da propriedade e herança familiar. O pai era a figura idealizada e respeitada pelos filhos: provedor, austero, respeitado, condições que paulatinamente foram sendo re-significadas, diante das crises que se seguiram no decorrer do século.

Este apontamento evidencia a necessidade de integrar a compreensão dos processos sociais com as mudanças oriundas da dinâmica familiar, na formação do indivíduo.

O lugar de destaque da criança na família é outro fator de considerável teor na composição dessas linhas teóricas. De acordo com Ariès (1978), a criança passou a ser o centro da família no final do século XIX, fato que transformou radicalmente as relações dentro da família e, principalmente, os papéis e funções parentais.

Concomitantemente a esse processo, “nascia” a teoria psicanalítica, que continuou se desenvolvendo ao longo de todo o século XX, contando com contribuições dos discípulos de Freud. Entre eles, Melanie Klein, da Escola Inglesa de Psicanálise, apresentou suas ideias referentes à relação objetal, entre a mãe e seu bebê. Posteriormente, suas formulações serviram de base para a elaboração da Psicanálise de Família. Psicanalistas partiram do princípio de que a primeira relação objetal entre mãe-bebê estaria na gênese de todas as relações futuras na vida individual (Gomes & Levy, 2009).

Referindo-se ao que chamou de “Sua majestade, o bebê”, um estado de onipotência infantil, contraponto de seu intenso desamparo de origem, Freud (1911) introduz uma nota de rodapé na qual coloca que “uma ficção como esta só é possível se se considera a existência de uma mãe”. Está marcada desde aí a importância da figura materna para ancorar o desenvolvimento infantil, impedindo que seu bebê, ainda precariamente constituído, se veja precocemente imerso no desespero de seu desamparo e dependência. Nos primórdios da teoria de Freud, porém,

a luz girava em torno do Complexo de Édipo e ele estava mais interessado em compreender, a partir da infância, a sexualidade adulta. A ênfase sobre o primeiro relacionamento com a mãe veio com força maior posteriormente, com os discípulos de sua teoria (Phillips, 2006).

É interessante considerar, a partir do ponto de vista de Ferraz (2008), o quanto a teoria freudiana postulou sobre o feminino, a partir do referencial da falta, da própria castração, com que Freud manejava sua análise sobre as mulheres. Ou seja, enquanto ser faltante, a mulher apenas poderia compensar sua “falta estrutural” de origem a partir da maternidade, enquanto único destino possível de realização. O filho, portanto, ocuparia o lugar de substituto simbólico do pênis – único modo de a mulher ser alguém na sociedade.

Psicanalistas como Winnicott, Bion, Klein e Lacan, deram sequência às formulações freudianas, trazendo contribuições próprias, mantendo os moldes propostos pelo “pai da psicanálise”. A teoria se desenvolveu e a principal contribuição foi o reconhecimento consensual acerca dos cuidados que uma criança precisa para se desenvolver, em todos os aspectos. Embora nos dias de hoje, isso pareça ser tão evidente, outrora o reconhecimento da vida emocional de um bebê ou de uma criança era praticamente inexistente, já que o foco estava apenas em manter aquele ser vivo e alimentado, até que pudesse ser considerado um indivíduo, o que, de acordo com Ariès (1978) começava a acontecer por volta dos sete anos de idade até fins do século XVIII.

Portanto, esses discípulos de Freud, cada um à sua maneira, destacaram a importância da presença de um adulto capaz de cumprir com o que atualmente chamamos de função materna. A falha nesta função materna é apontada por diversos autores como responsável por dificuldades marcantes no desenvolvimento emocional.

Melanie Klein, uma das grandes pioneiras na análise de crianças, traz à luz a importância das primeiras relações na vida do recém nascido, voltando a atenção para o lugar da relação do bebê com sua mãe ou, mais especificamente, do bebê com o seio da mãe. De acordo com Souza (2007) a descrição de Klein acerca da posição esquizoparanóide e da posição depressiva, enquanto dinâmicas de organização das ansiedades e defesas do ego, configura uma de suas mais importantes contribuições à psicanálise. Estas duas instâncias psíquicas são inauguradas na

primeira relação objetal da criança com o mundo externo, apresentada pela figura materna.

Seu vértice de observação, como lembra a autora, centra-se na experiência emocional, sobretudo nos elementos subjetivos que “dão o colorido dessas experiências” (p. 275).

A descrição da formação do aparelho psíquico proposta por Melanie Klein é feita, predominantemente, a partir da descrição dos movimentos do mundo interno na tarefa de lidar com os conflitos gerados pela ambivalência e frustração, mediados pelo seio materno.

Na teoria Kleiniana, a relação da criança com o corpo da mãe configura o eixo do processo de formação simbólica e promove as condições psíquicas para o relacionamento inicial com o mundo externo (Segal, 1975).

Podemos afirmar que as contribuições de Klein alavancaram o salto que a teoria psicanalítica deu em direção ao reconhecimento da vida emocional na primeira infância, influenciando fortemente as formulações futuras dentro da teoria psicanalítica.

De acordo com Phillips (2006), as contribuições de Klein influenciaram fortemente as formulações de Winnicott, que por sua vez, complementa e critica continuamente o trabalho da psicanalista. O ponto de intersecção perpassa pelo olhar sobre a importância dos estágios precoces do desenvolvimento, a partir do que cada um constrói seus pontos de vista, sempre privilegiando o lugar ocupado pela mãe nas primeiras relações.

Não podemos deixar de citar, contudo, a grande influência do naturalista Darwin na obra de Winnicott, fator que provavelmente tem relação com seu legado acerca da mãe enquanto figura primordial nos cuidados iniciais do bebê. De acordo com Phillips (2006), o naturalista britânico observou que a sobrevivência das espécies dependia de sua capacidade de adaptação ao meio. Winnicott, pela mesma linha, propõe que na espécie humana, é a mãe quem “se adapta ativamente às necessidades de seu bebê.” (Phillips, 2006, p. 25). Para esse autor, Winnicott debruça-se sobre os processos “naturais” de desenvolvimento, e nessa concepção, a mãe é aquela que emocional e fisiologicamente está apta a adaptar-se e estimular o recém-nascido.

Embora esses teóricos pontuem que é possível os cuidados maternos serem satisfatoriamente supridos por

cuidadores substitutos, apontam argumentos pautados na concepção de amor materno, enquanto biologicamente justificado.

Este trecho de Winnicott (1990), por exemplo, reafirma essa concepção:

“Seu amor por seu próprio bebê provavelmente é mais verdadeiro, menos sentimental do que o de qualquer substituto; uma adaptação extrema às necessidades do bebê pode ser feita pela mãe real sem ressentimento.” (p. 132)

As formulações do psicanalista inglês refletiam o modo como a sociedade ocidental estava organizada, naquele momento, isto é, de acordo com os padrões da família nuclear tradicional. Ora, se o pai não estaria em casa para estar atento aos apelos de sua cria, a mãe seria aquela que ficaria reclusa do mundo até que seu bebê começasse a desenvolver algum tipo de autonomia. Os papéis e funções, na teoria e mesmo na vida prática, naquele momento estavam plenamente definidos, organizados e hierarquizados.

Explorando um pouco mais a teoria winnicottiana, temos que o recém-nascido vive um estado de dependência absoluta e necessita, nessa fase, de um ambiente capaz de uma identificação tão íntima a ponto de ser capaz de responder adequadamente às suas necessidades. Este ambiente seria representado inicialmente pela mãe, pois estaria ela vivenciando o estado emocional que denominou “preocupação materna primária”, um estado peculiar que a capacitaria para ser sensível às demandas do seu recém-nascido. De acordo com Winnicott (2000), essa identificação só é possível por ter ela mesmo (a mãe) sido um bebê e ter recebido esses cuidados. Diante do desamparo total exposto pelo recém-nascido, a mãe vivencia seu próprio desamparo e fica também vulnerável, diante da responsabilidade de suprir integralmente as necessidades daquele novo ser. Esta concepção leva o psicanalista a colocar o pai na posição de protetor da mãe, ou seja, a função do pai, nesse momento, é de transmitir confiança e proteção à sua mulher, para que ela possa desempenhar sua função de mãe plenamente. Outro fator que contribui para essa fragilização é a própria preocupação materna primária, diante da regressão a estados primitivos, que a mãe vivencia nessa fase.

De acordo com Phillips (2006), o manejar dessas teorias teve relação direta com o clima da Europa pós-guer-

ra, fato que para este autor culminou na grande valorização da figura materna como nunca antes:

“Com a chegada de Melanie Klein à Inglaterra, em 1926, com a obra de John Bowlby e o próprio Winnicott e as crianças despejadas durante a guerra, e com os insights derivados da versão de Anna Freud sobre a análise de criança, um novo quadro emergiu na psicanálise, tratando da relevância dos relacionamentos precoces para o desenvolvimento individual. No mesmo momento em que as mulheres estavam sendo novamente encorajadas a ficar em casa após seu papel decisivo durante a guerra, teorias convincentes e coercitivas sobre a importância da maternagem contínua para crianças e sobre os perigos potenciais da separação começaram a ser publicadas, e essas teorias poderiam facilmente ser usadas para persuadi-las a assim o fazerem. Na psicanálise britânica pós-guerra não houve um retorno a Freud, como houvera na França com a obra de Lacan, mas um retorno à Mãe.” (Phillips, 2006, p.32)

Ferraz (2008) lembra que, em meados da década de 60, Lacan amplia os conceitos psicanalíticos referentes às figuras de “pai” e “mãe” e introduz o termo “função paterna” e “função materna”, trabalhando estes conceitos enquanto símbolos. Isso inaugura uma nova forma de compreender os determinantes psíquicos na primeira infância, na medida em que estende o termo para além do pai e mãe biológicos e não se limita a uma questão de gênero. Para o autor, os escritos de Lacan promovem outro olhar sobre o Complexo de Édipo, antes restrito à família burguesa e ocidental, e ganha um caráter mais universal:

“por não mais se referir a figuras demarcadas de pai e mãe, mas por dizer respeito a elementos estruturais de toda e qualquer cultura, tais como “lei” e “linguagem”. (Ferraz, 2008, p. 62)

Por fim, conclui o autor, na sociedade contemporânea, a mulher ampliou suas possibilidades de existência:

“... a maternidade não é necessária como prótese que lhe confira existência plena como sujeito, e nem precisa ser encarada como saída “natural” ou “biológica” para uma mulher configurar-se como tal.” (Ferraz, 2008, p.69).

Vemos hoje a mulher encontrando realização em atividades profissionais, esportes, política, artes, etc. O filho não é mais sua única fonte de prazer.

Concordamos com o autor, quando este sugere uma reflexão acerca dos conceitos e da linguagem psica-

nalítica, tomando o cuidado em não se perder diante das imposições provenientes do ritmo acelerado das mudanças culturais.

Uma reflexão dessa natureza deve ser feita para não correremos o risco de reduzir a complexidade humana aos moldes de uma teoria localizada em um tempo e um espaço muito distinto do nosso cenário atual sem, contudo “jogar fora o bebê com a água do banho”.

De acordo com Rossetti-Ferreira, Amorim & Oliveira (2009):

“Todo discurso científico sempre fala de algum lugar, para alguém, dentro de uma determinada época e contexto, a partir de certas perguntas, tendo como base determinadas abordagens teórico-metodológicas. Esses discursos orientam certas formas de recorte do fluxo dos fenômenos (e não outras), certas ações e intervenções (e não outras), e consequentemente certos percursos desenvolvimentais (e não outros). Assim, cabe ao pesquisador a tarefa de traçar essas múltiplas vozes, identificando respostas às perguntas colocadas, para posicionar-se criticamente em relação a elas.” (p.16)

A teoria psicanalítica requer sempre a reflexão do contexto em que se aplica (como qualquer campo do conhecimento que investigue o humano), pois de outro modo corre-se o risco de recortar o sujeito para que ele caiba na teoria, impondo aspectos normativos, que reduzem a psicanálise de seu potencial transformador. Tanis (2001) defende que este olhar é fundamental “para abordar psicanaliticamente certos aspectos da contemporaneidade” (p.40), e ainda lançar mão de outras áreas como a antropologia, a sociologia e a história, as quais dialogam entre si em prol da construção de um conhecimento integrado sobre a realidade que nos cerca.

Pesquisas como a de Souza (1994) mostram que o pai, cada vez mais, tem sido capaz de exercer não só o seu papel de ancorar a mãe, como Winnicott defendia, mas também de cumprir com parte dessa função materna. Resta tentar compreender o quanto essas antigas ideias ainda fazem parte do imaginário popular, frente a uma realidade que exige novos encargos de homens e mulheres.

Alguns estudiosos da psicologia do desenvolvimento vêm questionando em que medida essa função precisa ser cumprida pela mãe, *strictu sensu* (Rossetti-Ferreira, Amorim, Oliveira, 2009), na medida em que tal interpretação dessas teorias acaba por sobrecarregar, ainda

mais, a figura materna, que passa a ser concebida como a única responsável pela saúde psíquica de seu bebê.

Lamb (2005, citado em Rossetti-Ferreira, Amorim & Oliveira, 2009) após ampla revisão bibliográfica sobre pesquisas em desenvolvimento humano, afirma que os indivíduos se desenvolvem em grupos mais complexos e diversificados do que puramente na sua relação com a mãe. Além disso, as novas formas de estruturação e re-estruturação familiar implicam em novas figuras significativas na vida de uma criança, tais como padrastos, madrastas e irmãos de outras uniões dos pais. Outra questão levantada pelo autor diz respeito à crescente participação da mulher no mercado de trabalho, exigindo que essas crianças recebam um cuidado compartilhado desde os anos iniciais.

Nossa pesquisa pode apontar alguns elementos importantes referentes aos modelos de família da atualidade e evidenciou o quanto estão presentes resquícios do modelo tradicional na organização da dinâmica familiar e/ou no imaginário dos pais. Esse padrão parece afetar ainda, e muito, as possibilidades de realização pessoal e profissional da mulher, gerando “ruídos” na relação conjugal, bem como no modo de parentar seus filhos.

Essa pesquisa permitiu ainda refletir sobre a imbricada relação entre a mudança ideológica e estrutural da nossa sociedade, revelando que, embora o salto da emancipação feminina tenha ocorrido há mais de quatro décadas, ainda resistem na nova configuração familiar elementos arcaicos reproduzidos pela herança geracional. Talvez em futuras pesquisas possamos encontrar maior número de famílias igualitárias, que neste momento parecem querer despontar, mas ainda em caráter de raridade.

6. Referências Bibliográficas

Ariès, P. (1978). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Ferraz, F. C. (2008). O primado masculino em xeque. Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura. São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1909). O pequeno Hans. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.X).

_____ (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XII).

Gomes, I. C. , Levy, L. (junho/2009). Psicanálise de família e casal: Principais referenciais teóricos e perspectivas brasileiras. Canoas: Aletheia, n.29.

Mandelbaum, B. P. H. (2008). Psicanálise da família. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Phillips, A. (2006). Winnicott. São Paulo: Ideias e Letras.

Segal, H. (1975). Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago

Souza, A. S. L. (2007). Dois vértices emocionais. O livro de ouro da psicanálise. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S. A.

Souza, R. M. (1994). Paternidade em transformação: o pai singular e sua família. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., Oliveira, Z. M. (set/2009). Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. Psicologia USP 20 (3), p.437-464.

Winnicott, D. (2000). A criança e seu mundo. Rio de Janeiro: Imago
_____ (1990). Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago